

Segue o baile... _____

O Parque Estadual da “Água Branca”, oficialmente Parque Fernando Costa, com área total de 136 mil metros quadrados, encravado no outrora e aprazível bairro da Água Branca, região oeste aqui da cidade de São Paulo, começou a ser formado no ano de 1905 para ser inaugurado em 02-06-1929. Construção, portanto já centenária, em estilo normando, abrigando belas e frondosas árvores, além de um lago, animais (ví um pavão, galos e muitas galinhas) além de ter sediado importantes exposições agropecuárias que ocorriam na cidade. Lembro de haver levado minha mãe para ver uma exposição de orquídeas. Ela gostou.

Hoje, uma feira com produtos orgânicos funciona por lá, acho que nas manhãs de domingo. Sites esclarecerão isso e fornecerão outras informações.

O certo é que o Parque faz sucesso aos finais de semana, reunindo famílias de classes menos privilegiadas, fugindo dos dias da semana, muito cansativos e de momentos não tão alegres.

A procura maior, contudo, parece-me ser porque o lugar é grande, conhecido e de fácil acesso; fartas linhas de ônibus e estação de metrô nas proximidades... e isso faz com que atraia senhores e senhoras solitárias que caminham por entre as alamedas, à busca de uma companhia, uma conversa.

Observe que sutilmente falei em primeiro lugar de senhores, portanto os homens. Acho que a danada da solidão nos atinge e machuca mais. As mulheres, contudo, já em idade mais avançada quase sempre estão ao redor de familiares que delas dependem: filhas e netos, por exemplo.

No Parque da Água Branca funciona ou acontece também o Baile da Terceira Idade (terças, quintas-feiras e sábados) das 13 às 17 horas. Dizem que aos sábados passam por ele cerca de 1.100 interessados que, obrigatoriamente precisam ter idade mínima de 50 anos para desfrutarem do grande e esperado encontro musical!

Acrescentaria eu, que reúne pessoas da quarta idade. Nada contra, afinal na terceira, eu com 64 anos, já me encontro.

Reduto onde os encontros são/estão degradados, decaídos.

Degradação que afinal, ou aliás, nunca houve.

O que houve, desde tempos de antigamente, foi a ideia da existência de falsos espaços urbanos (bairros) artificialmente criados com o intuito de transmitir a sensação de uma cidade rica, com pessoas vivendo melhor e vivenciando comodidades. Habitantes em redutos... Ilusão. Não doce ilusão, porém já amarga ilusão onde viam-se famílias de paulistanos, natos ou não, morando em bairros criados para atender a classe mais abastada, (classe média alta). Ínfima porcentagem para com os números sempre grandes dessa São Paulo que sempre pulsou em ritmo acelerado.

Mentiras. Agora em pleno ano de 2020 a cidade encontra-se desmascarada (e faz tempo).

São Paulo sempre foi assim. Reunião de todos os que aqui se estabeleceram, com suas coisas e costumes, desde o tempo dos indígenas, jesuítas e mais tarde com a chegada dos imigrantes (e os migrantes também).

O “baile” da vida acabou. Máscaras não se sustentam mais na atualidade, amarradas na face da cidade que um dia quizeram transformar em outra, talvez hipócrita.

Nunca mais veremos ou teremos as sensações de falsidades escondidas. O espetáculo outrora inaugurado e encenado durante décadas, chegou ao fim.

As luzes foram apagadas. Agora o palco resta silencioso, a “peça” cosmopolita, como um todo, segue abrilhanatada por diversas músicas que compõem o bailado.

A cidade mostra a sua verdadeira face: Grande (muito grande), com a maioria da população simplória, trabalhadora, fazendo verdadeiros milagres para manter-se em pé e honesta diariamente. No mais, os “ricos” são verdadeiras exceções, com poucas possibilidades de se esconderem...

Vejam então, no Parque da Água Branca o que eu ví e não gostei. Senti-me deslocado, talvez por persistir em acreditar que aqueles acontecimentos “sui generis” não estavam se passando ou acontecendo na minha querida cidade.

Mulheres procurando homens. Mulheres solitárias em busca de companhia. Talvez em suas derradeiras tentativas face ao adiantado da idade.

Homens de aparência esquisita e engraçados, como que saídos de decadentes situações mostradas em filme de cinema, trajando roupas que lembravam vestimentas de cowboys do velho oeste norte-americano. Lembrei imediatamente do magnífico filme “Midnight Cowboy”, estrelado por Dustin Hoffman e Jon Voight, apresentado aqui no Brasil no ano de 1969, com o título de “Perdidos na Noite”. Um clássico; se não chegou a assistir, procure por ele.

Entretanto, diferentemente do personagem inocente (do filme) que deixou a cidade do interior para viver em Nova York, não imaginando o que poderia lhe acontecer, esses “senhores” frequentadores do Parque, também em sua grande maioria oriundos de distantes cidades, não passam por isso. São protagonistas importantes que não se envergonham de trajar calças jeans apertadas, presas por cinturões com fivelas proeminentes, botas, botinas e sapatos bicudos com salto “carrapeta” (sempre bem lustrosos).

Senhores outros que optaram por usar calça de tergal e camisas de manga longa (ví duas horrivelmente floridas). Cabelos e bigodes tingidos de preto, grandes e dourados relógios de pulso. Às vezes entrelaçados por pulseiras de largos elos. Outros ainda usavam chapéus (tipo coco, borsalino ou mesmo de vaqueiros).

Ousarei dizer que as profissões desses “dançarinos no palco da vida”, seria/é: garçons, cozinheiros, zeladores e porteiros de prédios, manobristas, seguranças e taxistas. Tenho um amigo taxista que frequenta o baile. Muitos vivem de aposentadoria.

O andar desses ex-matutos é entremeado por gingados, sempre de olhar atento, como se os sapatos estivessem apertando-lhe os pés. Desconforto... Mesmo assim mostram-se solitários caçadores.

As “elegantes e distintas” senhoras também deixavam transparecer estarem incomodadas dentro de compridos vestidos, (vi plissados e franjados) como se fossem para uma festa. (e não era?). Notei desengonçados andares por causa dos saltos altos, não comum no cotidiano daquelas mulheres, certamente ocupantes de humildes profissões em lojas, restaurantes, com funções de faxineiras, diaristas, etc.

Batons de tonalidade forte, colares já há muito extemporâneos, maquiagem e perfume carregado davam o tom final de arremate à situação. A bolsinha inseparável mais incomodava do que acompanhava ou ornava. Perucas e ou apliques também notei. Espero que não se soltem com o decorrer do valsado... (existirão valsas ao cair da tarde?). Unhas vermelhas e em outras cores berrantes.

Confesso que fiquei com pena dos casais. Acho que as mulheres estavam em desvantagem.

Se eu voltar ao parágrafo acima, posso me contradizer: Pena por que? Para eles tudo aquilo era normal, corriqueiro, esperavam o final de semana para o acontecimento, torciam para o tempo ajudar. Ansiosamente esperavam em sair do encontro de braço dados com um possível pretendente ou namorado, mesmo sabendo que aquele pseudo-

relacionamento seria efêmero, sem futuro. Na situação septuagenária ou octogenária de muitos deles, não haviam muitas escolhas a fazer. Ou era aquilo ou era a solidão com a boca aberta e arreganhada que esperava para morder-lhes.

Chega de descrições.

Chega de indiscrições.

Estavam lá os participantes momentaneamente solteiros/as que aparentavam um ar de felicidade. E isso era o que importava. Se não a mim, azar meu.

Assim, eu, também solitário, estava sentado na arquibancada do picadeiro destinado aos animais. Local alagadiço pois chovera durante a semana e esperava o horário de 14:30h para visitar uma grande amiga moradora nas redondezas.

Eu queria sair da cena rapidamente, mas ao mesmo tempo os detalhes surgiam mais e mais. Anotava todos em retalhos de papéis amochilados. Esqueci de trazer meu caderninho. Sabia que necessitaria deles para melhor compor essa crônica.

Perdão aos casais pela não programada pesquisa. Isso foi uma invasão de privacidade em plena tarde de sábado, 13:30 horas, com calor superior a 30 graus.

Tenho certeza agora, rascunhando essas frases, que o “estranho no ninho” era eu.

Gostaria, pra finalizar, de convidá-lo/la, a conhecer o espaço verde, num sábado logo após o almoço, para ver o desfile colorido que por lá passa, mas não vou fazê-lo, tenho vergonha...

Mil desculpas a Todos e a Todas.

Nelson Di Francesco - 1º de fevereiro de 2020.